

FESTIVAL DE BRASÍLIA >

'Martírio' retrata 100 anos de luta pela sobrevivência dos guarani-kaiowá

Documentário apresentado no festival de Brasília mostra o processo de exclusão da etnia indígena



Mulher indígena dá seu depoimento em 'Martírio'.



CAMILA MORAES

Brasília - 24 SET 2016 - 21:41 CEST

Em outubro de 2012, muitos brasileiros expressaram seu apoio à causa dos guarani-kaiowá – [etnia indígena](#) sob constante ameaça de ter suas terras ancestrais confiscadas no Brasil, que neste momento havia recebido uma ordem judicial de despejo no [Mato Grosso do Sul](#). Os indígenas enviaram uma carta pública às autoridades pedindo “ao Governo e à Justiça Federal para não decretar a ordem de despejo/expulsão, mas decretar nossa morte coletiva e enterrar nós todos aqui”. Seus apoiadores se mobilizaram, alarmados pela iminência do que julgaram ser um suicídio coletivo, incluindo em seus nomes expostos no Facebook a expressão “guarani-kaiowá”. A estratégia pressionou o Governo,

contribuindo para a extinção da medida. Muitos dos que aderiram à causa, porém, ainda desconhecem a história desse povo em conflito há mais de 100 anos.

MAIS INFORMAÇÕES

Fazendeiros são presos por morte de um guarani-kaiowá no Mato Grosso do Sul

Pedro Casaldáliga, o bispo que enfrentou a ditadura em nome dos índios

Impeachment abre novo capítulo no conflito da área indígena mais desmatada do país

A tensão indígena com a gestão Temer

[Martírio](#), documentário que estreou na competição do [49º Festival de Brasília](#), pretende acabar com essa ignorância – além de alertar o público para a situação de vulnerabilidade de cerca de 50.000 índios que têm seu direito à terra garantido pela Constituição. O filme, realizado pelo cineasta e indigenista Vincent Carreli em parceria com Ernesto de Carvalho e Tita, retrata a luta histórica dos guarani-kaiowá, resgatando seus momentos seminais, em contraposição às posturas ameaçadoras de deputados ruralistas que defendem no Congresso brasileiro os interesses de fazendeiros e do agronegócio. Sua exibição para um Cine Brasília lotado, na última quinta-feira, foi acompanhada de gritos, vaias e palmas da plateia, que não esperou a sessão acabar para manifestar sua comoção. “Foi uma reação emocionante, muito além do que a gente esperava”, confessou Carreli, que disponibilizará o filme em breve na Internet, além de distribuí-lo em comunidades indígenas e instituições relacionadas a elas.

O longa percorre o tortuoso caminho entre o Mato Grosso do Sul, ao centro do poder, em Brasília, onde atualmente se decide – com a tramitação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 215 – se a demarcação das terras indígenas deixará de ser tarefa exclusiva do Executivo, com a Funai, e passará ao Legislativo. Há muitos momentos marcantes. Vincent Carreli destaca os que para ele, foram impressionantes de viver além de retratar: a morte e o desaparecimento do corpo por pistoleiros do líder Nísio Gomes na comunidade do Guaiviry em 2011 (“Para os índios é muito desorientado não ter o corpo, não poder enterrar”); a mobilização dos índios na retomada de Pyelito Kue, quando foi divulgada a famosa carta (“Eles anunciavam que ficariam lá até serem mortos, não que se suicidariam, mas o entendimento geral de que haveria um suicídio ajudou muito a deter o despejo”); e o momento em que um policial federal pressiona os índios a desocupar essa mesma terra de ocupação tradicional indígena porque “uma ordem de despejo tem de ser respeitada a qualquer custo”. Esta última parte

guarda uma curiosidade. “Essa foi uma cena gravada pelo tradutor que participava da conversa, a quem entregamos uma câmera”, conta Carelli.

Narrado em primeira pessoa, com farta documentação e imagens gravadas pelo diretor por mais de 40 anos, o documentário é denso e extenso, mas consegue manter desperto o interesse tanto de quem é familiar ao tema como de quem o desconhece totalmente.

Para o diretor do filme, sua grande contribuição é apresentar a gênese desse conflito, que remonta ao século XIX e à Guerra do Paraguai, tendo transitado a história brasileira até os dias atuais. “Ao longo desses 100 anos, o processo de exclusão e omissão em relação aos guarani é contínuo”, diz. Mas não só isso. Do lado dos índios, o diretor enxerga a importância de ter registrada sua narrativa, sobretudo para a reflexão das gerações atuais. “Muitos se sentem perdidos e, depois de ver ou de fazer um vídeo sobre a própria realidade, passam a pedir aos mais velhos que lhes contem a história e que lhes ensinem os costumes antigos”, revela Carelli, responsável pelo projeto [Vídeo nas Aldeias](#) – atualmente exposto na edição [32 da Bienal de Artes de São Paulo](#) – desde 1986. Durante a produção, ele encontrou uma farta documentação que, a seu ver, tem de ser descoberta não só pelos índios, mas pela “parcela da sociedade civil que se incomoda”. “Há muitos documentos oficiais que registram esse processo e é preciso trazer tudo isso à tona”.



Atividade do projeto 'Video nas Aldeias', de Vincent Carelli.

Martírio, cujo financiamento contou com cerca de 85.000 reais doados por mais de 1.000 pessoas via crowdfunding, é o segundo título de uma trilogia que tem início com [Corumbiara](#) – onde em 1995, em Rondônia, 12 índios foram dizimados – e que terá fim com *Adeus, capitão*. Este último, ainda em fase de produção, pretende retratar, segundo Vincent Carelli, “os efeitos do capitalismo numa sociedade antes igualitária”. “O filme mostra a rede de *sanguessugas* que se instala ao redor dos índios que recebem indenizações financeiras e passam a se endividar”, explica. É um cinema como registro de um tempo que passa, sem nunca avançar.

 **ARQUIVADO EM:**

Brasília · Indígenas · Cinema Brasil · PEC · Distrito Federal · Constituição brasileira
· Festivais cinema · Legislação Brasileira · Congresso Nacional · Cinema Latino-americano

CONTENIDO PATROCINADO

Recomendado por

© **EDICIONES EL PAÍS, S.L.**

[Contato](#) | [Venda](#) | [Publicidade](#) | [Aviso legal](#) | [Política cookies](#) | [Mapa](#) | [EL PAÍS no KIOSKOyMÁS](#) | [Índice](#) | [RSS](#) |
